



Miguilim

revista eletrônica do netlli
Vol. 2, Núm. 2, Maio-Ago 2013

O OTIMISMO NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS



THE OPTIMISM IN AUGUSTO DOS ANJOS POETRY

Verucci Domingos de ALMEIDA
UEPB, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 01/07/2013 • APROVADO EM 25/09/2013

Abstract

This article is part of the master's degree dissertation entitled *The optimistic side of Augusto dos Anjos poetry*, that aimed to study this characteristic, often forgotten, of his poetry. We highlight in this study, besides reports of his fortune critical, biographical reports, that show not only the optimistic side of his poetry, but also the optimism of the poet himself. Although this work is focused on literary criticism, we consider relevant to show parts of the biography of the poet because optimism was initially viewed by some biographers of Augusto dos Anjos, and also have been associated with his poems. Finally, we analyze three poems in order to illustrate the themes of love, God and hope, optimistically.

Resumo

Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada *A face otimista da poesia de Augusto dos Anjos*, que teve como objetivo estudar essa característica, muitas vezes esquecida, da sua poesia. Destacamos nesse estudo, além de relatos de sua fortuna crítica, relatos biográficos que mostram não somente a face otimista de sua poesia, mas ainda o otimismo do próprio poeta. Apesar de esse trabalho ser voltado para a crítica literária, consideramos pertinente destacarmos partes da biografia do poeta pelo fato de o otimismo ter sido inicialmente visualizado por alguns biógrafos de Augusto dos Anjos, e também ter sido associado aos poemas augustianos. Por fim, analisamos três poemas, a fim de ilustrar os temas do amor, Deus e da esperança, de forma otimista.

KEYWORDS: Optimism. Poetry. Augusto dos Anjos.

PALAVRAS-CHAVE: Otimismo. Poesia. Augusto dos Anjos.

Texto integral

Introdução

Augusto dos Anjos é conhecido nacionalmente por apresentar uma poesia divergente do lirismo vigorante na literatura. Seus poemas destacam-se, entre outros aspectos, pela linguagem rebuscada, sobretudo pelo vocabulário cientificista, e por explorar um tom melancólico e pessimista. De acordo com Almeida (2012, p. 427), “embora estas tônicas que se consagraram estejam corretas, a leitura integral da obra completa do poeta nos chama a atenção para outras dimensões desta poesia”.

Vários conceitos permeiam a lírica augustiana e o poeta Augusto dos Anjos. Entre eles, destacam-se o poeta do mau gosto, obscuro, entre outros adjetivos. Para Almeida (2012, p. 427 - 428), apesar de o poeta ter se destacado até hoje na literatura brasileira principalmente por apresentar uma poesia distinta dos padrões comuns (tecida de uma linguagem suave, de um tom aprazível e de temas cobertos de lirismo amoroso), ele “também cultivou um estilo diferente da lírica irreverente que o dominou, revelando-se uma figura contrária àquela que vem sendo propagada como única”. Nesta perspectiva, destacam-se os poemas de cunho otimista.

O otimismo, segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001, p. 504), é o “sistema de julgar tudo o melhor possível, de achar que tudo vai bem”, logo contrário ao pessimismo, que é a disposição do indivíduo para encarar tudo pelo lado negativo, esperando de tudo o pior (FERREIRA, 2001). Por sua vez, o *Dicionário de filosofia* (2001) define otimismo como “simples reconhecimento da ‘otimidade’ do mundo. [...]. Dado que o pessimismo é o contrário de otimismo” (MORA, 2001, p. 543). Nesta perspectiva, acordamos com o pensamento de Almeida (2012, p. 428), quando infere que

se Augusto dos Anjos é reconhecido como pessimista e melancólico pelo tom exibido em seus versos, pelo uso de um vocabulário que a alguns repugna e assusta, bem como pela preferência por temas inquietantes como a morte, entendemos a poesia de caráter otimista como sendo aquela que apresenta vocabulário mais ameno e temas cujo tratamento é realizado de modo mais leve.

Embora a crítica ainda esteja pouco atenta à face otimista da poesia de Augusto dos Anjos, ao rastreamos a poesia completa do poeta, percebemos que há inúmeros poemas dotados de otimismo e que contemplam temas como o amor, a esperança e Deus.

De acordo com Almeida (2012), os poemas que compõem o viés otimista da poesia de Augusto dos Anjos concentram-se especialmente nas composições

escritas em sua adolescência, antes de sua maturidade literária¹, os quais foram publicados postumamente em *Outras poesias, Poemas esquecidos e Versos de circunstância*. Para alguns críticos estes poemas caracterizam-se como obra imatura (BUENO, 1994), entretanto “não deveriam ser tachados como inferiores e indignos de atenção da crítica e do leitor, pois muitos seguem o estilo do poeta, a predominância de sonetos, versos bem metrificados, com rimas e ritmos bem elaborados, e o vocabulário esdrúxulo” (ALMEIDA, 2012, p. 429). Para Almeida (2012, p. 429) “a riqueza de imagens, a elaboração das metáforas e a sonoridade acentuada tornam alguns desses poemas da face otimista tão atrativos e frutivos quanto os poemas da face comum e mais conhecida do poeta”.

A maioria dos poemas otimistas foi excluída por Augusto dos Anjos durante a seleção para a edição do *Eu*. Cunha (1994, p. 166) considera-os “extremamente ruins, que o poeta não incluiu no seu livro e que ninguém tem o direito de ressuscitar”. Para Nóbrega (1962), dessa primeira fase de sua poesia, o poeta pouco deixou de apreciável. Segundo este autor, os poemas dessa primeira fase representam “o pipilar da ave antes de atingir a plenitude do gorgoeio (sic)” (NÓBREGA, 1962, p. 284). Ele apresenta como justificativa para o seu posicionamento o fato de o próprio Augusto ter feito a crítica dessas produções iniciais, deixando-as fora do *Eu*.

Nessa questão da crítica, Magalhães Jr (1978, p. 59) comunga com o pensamento de Nóbrega (1962), pois para esse autor, “nenhuma das páginas que até então publicara resistiria à sua exigente autocrítica, ao selecionar seus versos com vistas à publicação em volume”. Acreditamos que para a edição da obra possivelmente o espaço dedicado aos poemas devia ser limitado, até mesmo por questões financeiras, e, dessa forma, escolher os poemas que iriam compor a sua primeira obra deve ter sido para o poeta uma tarefa árdua. Tendo ele o propósito de lançar uma concepção diferente de poesia, é óbvio que os poemas da face otimista, não tendo o mesmo estilo dos outros, ficassem de fora. Na opinião de Nóbrega (1962, p. 49), o poeta da angústia, da dor, do pessimismo e da poesia científica “seria insincero se, em sua arte desse gasalhado a sentimentos reveladores de euforia e contentamento”.

Contudo, sobre os poemas relegados do *Eu*, Magalhães Jr. (1978, p. 310) julga que em alguns casos eles são superiores aos poemas inclusos na obra. Em concordância com o pensamento deste autor, consideramos que nas coletâneas lançadas com poemas excluídos do *Eu* há composições dignas de apreciação e muito bem trabalhadas esteticamente. Ainda sobre essas composições poéticas, Magalhães Jr (1978, p. 11) afirma que “para uns, estas, nada acrescentando de valioso à obra do poeta, antes a depreciam. Para outros, mesmo as mais imperfeitas, vacilantes e indecisas, explicam a evolução do artista do verso e as influências que atuaram sobre ele”. Paes (1997, p. 200), por sua vez, a respeito desses poemas afirma que

Isto não quer dizer que sejam destituídos de interesse para o crítico ou o historiador literário empenhado em rastrear a evolução da arte do poeta, desde os seus primórdios parnasiano-simbolistas até a conquista da dicção pessoal, inconfundível e originalíssima dos maduros poemas do *Eu*.

Com o pensamento quase semelhante ao de Paes, Magalhães Jr. (1978, p. 48) garante que vale a pena conhecer as composições líricas excluídas por Augusto dos Anjos, “porque através delas podemos acompanhar sua evolução poética, desde as primeiras tentativas, ainda trôpegas e hesitantes, até a cristalização de sua forma, após a escolha do caminho definitivo, quando já aluno da Faculdade de Direito de Recife”. Levando para a questão biográfica, Vidal (1967) comenta que os poemas excluídos do *Eu* são capazes de apresentar maiores dimensões à personalidade emocional do poeta e ajudar num julgamento mais preciso. Quanto à dimensão artística, para o autor, esses poemas apresentam um aspecto muito diferente do *Eu*.

Vidal (1967) afirma que através das composições escritas na sua primeira fase (poemas que compõem as coletâneas *Outras poesias, Poemas esquecidos e Versos de circunstância*), Augusto dos Anjos revela uma personalidade (lírica) bem diferente daquela que compõem os poemas de seu livro, escritos durante a sua segunda ou “derradeira fase”, expressão utilizada pelo autor para se referir aos poemas que compõem o *Eu*. Na primeira fase, “de um lado, mostra tendências para a poesia então na moda, ou seja, o Parnasianismo, cânticos à natureza se confundindo com o amor, os eternos temas de que ordinariamente se servem os poetas de passados tempos” (VIDAL, 1967, p. 23).

Na segunda fase, ainda de acordo com Vidal (1967, p. 23), “vamos depará-lo inteiramente contrário ao que era antes, ou melhor: não admite o amor na forma comum, material, sem acreditar em nada”. A diferença, sobretudo temática, apontada por Vidal, entre os poemas das duas fases é que os poemas do *Eu* “giram em tórno (sic) de temas eternos, em que a Dor figura como razão central. Há nêles (sic) aquilo que se pode levar à conta de erudição, tornando-os tanto científicos na escolha de têrmos (sic) como na configuração do pensamento” (VIDAL, 1967, p. 16). Em síntese, Augusto dos Anjos

teve duas quadras definidas em sua existência. A primeira em que a gente depara a sua libertação de preconceitos, produzindo sôbre (sic) temas com inteira despreocupação filosófica e científica, falando das doçuras do amor e da mulher, enquanto que, na segunda fase, se mostra dono de outro estilo, entregando-se à elaboração do que se encontra enfeixado no *Eu*. (VIDAL, 1967, p. 39).

Acredita-se que inúmeros foram os motivos que levaram Augusto dos Anjos a mudar a sua forma de versar. Os pensamentos propagados na Faculdade do Recife, por Tobias Barreto e outros pensadores contemporâneos seus, fizeram com que o poeta começasse a intensificar em seus versos o cientificismo e o pessimismo ceticista, reflexo de sua época, caracterizada por Bosi (1969) de positivista, agnóstica e liberal. Sobre essa mudança, Magalhães Jr. (1978, p. 80) assegura que “a convivência, com professores e alunos, num centro cultural fervilhante de ideias, causaria poderoso impacto em sua inteligência moça, dando nova feição à sua poesia”, sendo influenciadora de sua nova fase de composição poética e transformação filosófica. Na Faculdade de Direito do Recife, Augusto dos Anjos conheceu o professor José Izidoro Martins Júnior, que também era poeta com grande influência do positivismo e cientificismo, autor do livro *A poesia científica*.

Depois de algumas reflexões sobre as duas fases da poesia de Augusto dos Anjos das quais se depreendem suas diversas faces, acreditamos que “os críticos andaram apressados em ater-se a limites aceitos como definitivos” (VIDAL, 1967, p. 16 – 17), ao disseminarem a poesia de Augusto dos Anjos quase exclusivamente pelos vieses pessimista, melancólico e cientificista², desprezando suas outras composições.

1 Os primeiros leitores de Augusto dos Anjos: a ausência da face otimista

Augusto dos Anjos foi um poeta que em vida lançou unicamente um livro, intitulado *Eu*, e foi o bastante para o seu nome ser consagrado como um dos poetas mais autênticos da literatura brasileira, quiçá o mais original, como aponta Bosi (2006), destacando-o entre Cruz e Sousa e os modernistas. O *Eu* foi publicado no ano de 1912, compondo 58 poemas, tendo sido, em sua maioria, anteriormente divulgados nos jornais paraibanos *A união* ou *O Comércio*.

A sua única obra não poderia ter um título melhor para demonstrar a inquietação de um poeta que, embora tenha versegado a dor universal e as misérias humanas, também deixa transparecer, em alguns de seus poemas, traços de otimismo gerados das suas primeiras composições. Porém, essa tensão na sua poesia não foi visualizada pelos primeiros críticos da obra, passando a ser explorada a partir dos poemas relegados desta.

A princípio, a recepção dos primeiros leitores e críticos do *Eu* foi calorosa e fervilhante, pois seus poemas repercutiram de modo que por um lado conquistaram admiradores, e por outro chocaram aqueles que eram acostumados com a poesia da *belle époque* ainda com resquícios do modelo de arte enaltecido pelos parnasianos e simbolistas.

A reedição do *Eu* foi preparada depois da morte de Augusto dos Anjos por iniciativa de seu amigo, Órris Soares, com ajuda da viúva, Dona Éster de Fialho. A segunda edição trouxe além dos 58 poemas já presentes na obra inicial, outros 48 poemas formando o *Eu e Outras poesias*, custeada pelo Governo do Estado da Paraíba, em 1920. Depois de Órris Soares, outros estudiosos pesquisaram alguns outros poemas que não foram divulgados nas duas obras iniciais e publicaram uma terceira edição, agora apresentada como *Eu, Outras poesias e Poemas esquecidos*, em 1928.

Durante muito tempo a atenção da crítica esteve voltada quase exclusivamente para os poemas do *Eu* ou *Eu e outras poesias*, e, por conseguinte os estudos sobre esses poemas contemplaram os vieses cientificista, pessimista e melancólico da poesia augustiana. À medida que se priorizou essa concepção de interpretação da poesia de Augusto dos Anjos, desprezaram-se outras, no que se refere à face otimista. Alguns críticos e ensaístas não só notaram a ausência dos temas de Deus, amor e esperança, como também alegaram que o poeta sequer tinha escrito algo sobre eles. Ainda quando esses temas foram notados, foram vistos de acordo com o pessimismo ou a melancolia do poeta.

Órris Soares afirma que “na poesia de Augusto dos Anjos nota-se a ausência de uma clave: - a do amor”. (SOARES, 1994, 71). Contudo, essa ausência não foi notada somente por Soares, visto que muitos críticos comentaram a falta desse

assunto na poesia augustiana. Kopke (1994, p. 151), por exemplo, também destaca “a ausência de adesão e de amor na maioria de seus poemas e sonetos”.

De acordo com Bandeira (1994, p. 114), “os primeiros críticos de Augusto dos Anjos notaram logo a completa ausência de poemas de amor em toda a sua obra”. Porém o autor adverte que essa ausência é para o amor carnal. Segundo ele, Augusto dos Anjos considerava este tipo de sentimento “uma mentira, não era amor, não passava de ‘comércio físico nefando”” (idem, *ibidem*). Bandeira, ao atentar para a ausência do amor carnal na poesia de Augusto dos Anjos, mostra uma visão limitada em assegurar que a ausência desse tema refere-se demasiadamente à totalidade da criação poética do paraibano.

Sobre o amor na concepção erótica, Freyre (1994, p. 28) assegura que para o poeta o amor carnal era considerado motivo de pecado, pois “em seus poemas, o sexo aparece sempre manchado de culpa”. Esse comentário afigura-se oportuno porque provavelmente se refere unicamente aos poemas do *Eu*, em que o poeta, sem dúvida, assume uma postura sobre o amor diferente da que expunha nos poemas de sua primeira fase.

Entretanto, a crítica literária teceu comentários não somente sobre a ausência do amor na concepção destacada por Bandeira e Freyre, como também sobre o amor idealista e espiritualista. Para justificar essa aparente lacuna na poesia augustiana, alguns críticos guiaram-se pela mera impressão e algumas vezes pela subjetividade, a exemplo de Torres (1994, p. 54), que afirmou que Augusto dos Anjos “não cria no amor. Por isso não o decantava”. Para o autor “é pelo amor que se perpetua a Vida; logo, deve detestar o primeiro, que é um ‘meio’, quem detesta a segunda, que é um ‘fim”” (TORRES, 1994, p. 57). Esta reflexão insinua que Augusto dos Anjos detestava o amor porque detestava a vida, e por isso não versejou sobre ele. Mas como pode Torres atestar uma afirmação tão íntima ao poeta sem ao menos ter tido algum tipo de contato direto com ele? Supostamente Torres deve ter tirado essa conclusão a partir dos poemas pessimistas e melancólicos de Augusto dos Anjos, porém, se tivesse tido conhecimento sobre a face otimista do poeta, talvez sua afirmação fosse diferente.

Pensamento quase semelhante tem o crítico Órris Soares, ao proferir que “o amor, seiva e fonte da vida, não lhe tirou uma lágrima, nem no peito lhe fez bater contentamentos” (SOARES, 1994, p. 71). Essa afirmação atribuída ao próprio poeta é citada para referir-se ao fato de Augusto dos Anjos não ter sido motivado a poetar sobre o amor porque não teve experiências satisfatórias com ele. Apesar de Soares ter tido contato direto com Augusto dos Anjos no período da faculdade, revela-se desconhecedor da intimidade do colega, pois adiante veremos que outros críticos mais próximos da realidade do poeta desvendaram fatos que contrariam esse mito e as suposições feitas sobre a face mais conhecida de sua poesia.

A partir desses dois últimos comentários vemos que se tenta utilizar a biografia do poeta para justificar uma mera impressão observada sobre sua criação artística. A ausência do tema do amor na sua poesia é constantemente atribuída a fatos ocorridos na sua vida particular. Medeiros e Albuquerque (1994, p. 96) assevera que “após uma vida que foi antes uma prolongada agonia, não deixou versos de amor”, e acrescenta que o “que ele teve foi vergonha de cantar certos sentimentos íntimos” (MEDEIROS E ALBUQUERQUE, 1994, p. 97).

Visto unicamente como pessimista e melancólico, a crítica revelava cada vez mais a figura do poeta sob o prisma do eu-lírico. Sendo assim, a sua descrença no amor, em Deus, a falta de esperança na vida e a obsessão pela morte, constantemente vistas no eu poético, eram aplicadas ao poeta do *Eu*. Vários críticos literários e até estudiosos da poesia de Augusto dos Anjos durante décadas fizeram estudos vinculados às faces que costumam ser mais comuns em sua poesia, alguns sem muita observação na totalidade dos poemas do paraibano. De acordo com Helena (1983, p. 51),

esses estudos, produzidos mediante abordagens externas, resultam da captação imprópria de alguns elementos mais visíveis em sua poesia, mas que não foram considerados em relação à inteireza do texto poético, cuja estruturação não foi por eles sequer percebida.

Essas críticas sem investigações precisas mostram-se restritas e sem muita profundidade na obra completa³ de Augusto dos Anjos, quando excluem a totalidade da lírica augustiana ou mostram dados que se limitam unicamente aos poemas do *Eu*, querendo aplicá-los a toda poesia do poeta.

Outro tema denunciado como ausente na poesia de Augusto dos Anjos é a divindade suprema, ou seja, Deus. Para Torres (1994, p. 54), “Augusto dos Anjos, que, segundo parece não cria em Deus”, e isso pode ser notado através do eu-lírico dos seus versos. Comungando com o pensamento de Torres, também para Houaiss (1976, p. 163) Augusto dos Anjos é “ostensivamente um ateu – pelo menos em sua poesia”.

Diante desses pensamentos, Bandeira (1994, p. 115) questiona: “acreditava em Deus? Acreditava e rezava as preces católicas. Mas na sua poesia a concepção do universo não é ortodoxa, tem algo de maniqueísta, opondo ao mundo do espírito, ao mundo de Deus, o mundo da matéria”. Nessa questão, Bandeira percebe com precisão a proposta da poesia de Augusto dos Anjos, que não é fiel ao cumprimento de uma doutrina religiosa específica, porém professa a crença em Deus e valoriza os valores éticos universais propagados comumente pelas religiões, como a virtude do bem em oposição ao mal. O autor ainda observa os limites entre a concepção de religião na poesia em contraposição à religiosidade do poeta. Ainda sobre Deus na poesia augustiana, de acordo com Nóbrega (1962, p. 188), Augusto dos Anjos “não pôde firmar seu ponto de vista. Quis ser possivelmente o poeta que negava Deus. Mas foi contraditório, porque ora O negava ora O afirmava”.

O pensamento da crítica que alegou a ausência de temas otimistas e consagrou os poemas pessimistas, cientificistas e melancólicos em detrimento dos outros, além de direcionar a leitura de sua obra a um único caminho, elimina os outros trajetos que o leitor poderia percorrer. Em outras palavras, a concepção habitual da crítica que consagrou o poeta e a poesia dotada de pessimismo e melancolia pode limitar a visão do leitor que passa a conhecer Augusto dos Anjos e sua obra pela mesma ótica, mas não o impede de ter a possibilidade de descobrir novas perspectivas acerca de ambos.

2 Novos leitores, novos olhares: a face otimista

Ante a persistência dos mesmos assuntos e a propagação das mesmas ideias sobre a poesia de Augusto dos Anjos, os novos leitores, sobretudo acadêmicos, têm voltado novos olhares à poesia do paraibano e revelado características antes negadas. A face otimista, por exemplo, antes esquecida, agora aparece sutilmente em determinados estudos acadêmicos ou artigos divulgados em algumas ferramentas de comunicação, tais como a internet. Todavia, há décadas que um grupo pioneiro de biógrafos já atentava para esse viés, porém sem continuadores dos seus estudos.

Um exemplo disso se encontra no livro *Augusto dos Anjos e sua época* (1962), de autoria de Humberto Nóbrega. O livro contém um amplo levantamento estético-histórico, como assim define o autor, sobre os poemas augustianos contidos no *Nonevar*⁴, além de outros poemas relegados pelo poeta. O livro ainda desvenda, sobretudo, o humorismo contido em alguns poemas, além de composições que tratam de amor e de Deus numa perspectiva diferente da que é difundida por outros pesquisadores. Enfim, revela facetas pouco estudadas da personalidade artística do poeta: - “humorismo, lirismo, crença” (NÓBREGA, 1962, p. 30), em que, através do lirismo, cantou a beleza da mulher paraibana no *Nonevar*; usou o humorismo, crivando-o de sátiras para apresentar os jovens da época, também no *Nonevar*; e revelou a crença no amor e em Deus nos poemas esquecidos.

No início do seu livro, Humberto Nóbrega (1962, p. 8) confessa que antes da leitura do *Nonevar*

só conhecia o Augusto a quem os críticos classificavam de poeta da dor, poeta da tristeza, do pessimismo, da incredulidade, poeta fronteiro da loucura. [...] E tôdas (sic) estas deformações estavam passando em julgado, como verdades inconcussas!

O autor atesta que as páginas do *Nonevar* lhe revelaram “um outro Augusto bem diferente: crédulo, alegre e chistoso, inspirado em motivações do belo e do jucundo – facêtas (sic) desconhecidas e até mesmo negadas pelos seus exegetas mais eminentes” (NÓBREGA, 1962, p. 8). Segundo o mesmo autor, as coleções desse jornalzinho “possuem o grande mérito de nos revelar um Augusto bem diferente” (NÓBREGA, 1962, p. 50), pois naquelas colunas ele não se apresenta como um poeta triste, já que se vê um “Augusto alegre, galanteador, lírico, mavioso a cantar, em eruditos e primorosos versos, a formosura da mulher”.

Apesar de Nóbrega definir sua pesquisa como estético-histórica, não deixa de ser também biográfica, por isso além de apreciar os poemas esquecidos de Augusto dos Anjos, propõe uma nova reflexão sobre conceitos em torno da sua personalidade. Consideramos esses dados oportunos devido à constante assimilação da poesia augustiana à sua personalidade. Queremos destacar que se outrora a biografia foi um recurso motivador para a interpretação de seus poemas e para o culto do pessimismo e da melancolia, agora a mesma biografia pode se mostrar um meio para refletir sobre essa visão unilateral da poesia augustiana e revelar uma face desconhecida do poeta.

Dessa forma, Nóbrega (1962, p. 9) acredita que o ensaio contido no seu livro proporcione uma nova visão acerca da personalidade do poeta, já que “êle (sic) aqui aparece bem diverso de como tem sido divisado nos quadros da crítica literária e nas pesquisas científicas que a sua figura de homem e de poeta tem provocado”. Para confirmar seus pressupostos, Nóbrega entrevistou parentes próximos de Augusto dos Anjos, a exemplo dos filhos e da irmã, seus ex-alunos e amigos, sobretudo, colaboradores do *Nonevar*. Sendo assim, Nóbrega (1962, p. 43) insiste nesse lado, que ele mesmo diz ser aparentemente contraditório da vida e obra do poeta Augusto dos Anjos. A pesquisa de Nóbrega, portanto, foi o estopim para a abertura de novos caminhos e novos olhares sobre a poesia augustiana.

Outra obra importante, que desvende um viés diferente da poesia de Augusto dos Anjos, é *O outro eu de Augusto dos Anjos* (1967), de Ademar Vidal, pois apresenta explicações sobre os poemas esquecidos do poeta quando ainda eram inéditos e foram copiados por ele a partir de jornais da Paraíba. O autor confessa que não os excluiu por julgá-los capazes de apresentar maiores dimensões à personalidade e à criação poética do poeta paraibano. O livro ainda contém depoimentos sobre a vida de Augusto dos Anjos no Engenho Pau d’arco e na capital paraibana, João Pessoa, na época chamada de Parahyba do Norte, além das cartas escritas pelo poeta à sua mãe, as quais revelam fortemente o seu lado otimista.

Dessa forma, o autor insiste no fato de que, além dos poemas esquecidos, “as cartas particulares abrem perspectivas novas” (VIDAL, 1967, p. 4) sobre Augusto dos Anjos e sua poesia. Porém, essas correspondências são apenas documentos epistolares, que não possuem nenhum valor artístico. Para atestar o fato equivocadamente atribuído ao autor do *Eu* o demasiado pessimismo e melancolia, Vidal (1967) assegura que as cartas são documentos pessoais, enquanto os poemas fazem parte de uma arte (de fingir), por isso não podem comprovar a real face do poeta.

Embora esse livro exponha comentários críticos sobre os poemas, ressalta uma posição de caráter mais biográfico do que crítico, tanto no que diz respeito à interpretação dos poemas quanto nos depoimentos constatados através das reminiscências do autor quando conviveu com o poeta. Ademar Vidal não foi somente um biógrafo de Augusto dos Anjos, foi seu amigo. Pelo que conta, quando criança foi aluno do poeta e o que escreveu em seu livro foi à base de suas reminiscências de aluno primário. Segundo ele, foi o “único discípulo de caráter particular” (VIDAL, 1967, p. 6) que frequentou a sua casa, estando por isso capacitado para informar sobre o que viu e ouviu, e com autoridade para desvendar a autêntica personalidade do poeta. De acordo com Horácio de Almeida (apud MAGALHÃES JR, 1978, p. 23), tendo sido Ademar Vidal “amigo declarado da família do poeta e tendo recebido dados e informes dessa família, tudo quanto disser em desfavor dela deve merecer crédito”.

O livro intitulado *A poesia e vida de Augusto dos Anjos* (1978), de Raimundo Magalhães Júnior, apesar de, assim como os outros, ser mais um livro de caráter mais biográfico do que crítico, o autor tem como alguns dos focos do seu trabalho os poemas excluídos por Augusto dos Anjos. O autor, em seu prefácio, deixa claro que mesmo sem desapreciar o pioneirismo dos dois livros aqui anteriormente comentados, vem reparar, sobretudo, na retificação de textos deturpados em várias de suas transcrições. O autor ainda reflete sobre a necessidade de preservar

esses poemas, visto que na época em que escreveu o livro, as coleções dos jornais pesquisados já se encontravam, em parte, dilaceradas.

Ao passo que alguns biógrafos, a exemplo de Humberto Nóbrega e Ademar Vidal desvelaram a espiritualidade do poeta, alguns críticos visualizaram a presença do tema “Deus”, antes negado em seus poemas, e sobre isso teceram alguns comentários. Segundo esses biógrafos, Augusto dos Anjos teve uma acentuada formação espiritual e religiosa modelada dentro da doutrina católica, sendo, portanto, cristão (VIDAL, 1967).

Sobre a espiritualidade do poeta, percebe-se a indignação de Vidal (1967, p. 54) ao afirmar que ele “não era, pois, o materialista indiferente, tocado pelo pessimismo. Ou um cético tampouco. Rezava, freqüentava (sic) igrejas. Não se admita uma absurda contradição, que poderia ser monstruosa, dada a circunstância do autor do *Eu* ser católico praticante”. Sobre sua religiosidade, Vidal (1967) atesta que o poeta conservava o hábito de fazer orações e de frequentar os templos católicos. O mesmo autor ainda revela que “Augusto dos Anjos chegou a praticar o espiritismo” (VIDAL, 1967, p. 69) e relata que ele promovia sessões na sala de jantar de sua casa, mas adverte que “as sessões espíritas estavam trazendo sérios transtornos à pacatez do ambiente” (VIDAL, 1967, p. 70), pois como consequência delas, já se ouviam ruídos estridentes e as pessoas do Pau d’arco foram assaltadas por grandes medos decorrentes de assombração. Diante disso, Dona Mocinha tinha proibido as sessões. Adiante, Vidal (1967, p. 70) ainda ressalta que Augusto era “‘médium’ classificado”.

Contudo, Augusto dos Anjos “nunca se afastou do círculo da Igreja em que se criara” (VIDAL, 1967, p. 114), e “nunca abandonou o catolicismo” (NÓBREGA, 1962, p. 178). Comparecia às novenas de Nossa Senhora das Neves e, segundo Nóbrega (1962, p. 28), não fugiu às atrações que esta festa exercia sobre a mocidade de seu tempo, pois “comparecia aos atos religiosos, frequentava o pátio, escrevia em um dos jornais de que foi até diretor”.

Deixando de lado a espiritualidade do poeta, e tratando de sua poesia, nota-se em alguns de seus poemas a crença em Deus e a valorização do Cristo. De acordo com Oiticica, “em seus versos, nos póstumos, sobretudo, as intenções teosóficas são freqüentes (sic)” (OITICICA, 1994, p. 113). Para Lins (1994, p. 122), “o Deus que aparece nos seus versos não é propriamente uma entidade religiosa, no sentido ortodoxo de qualquer religião, e sim um vocábulo transcendente, um recurso verbal, que não pode ser interpretado sem a consideração do credo de Augusto dos Anjos, da sua concepção do mundo”.

Lendo os poemas do *Eu*, percebemos traços de politeísmo e panteísmo, como bem destaca Nóbrega (1962, p. 189) respectivamente em versos do poema “Ilha do Cipango” e em versos do “Poema Negro”. Ainda há traços sob o prisma cristão católico, budista, materialista e até sob a vertente do espiritismo. Através dos poemas em que Deus aparece sob vários prismas, podemos observar traços de diferentes doutrinas, todavia não podemos afirmar que devido a um traço artístico, o poeta seguia uma ou outra prática religiosa, mesmo que nutrisse uma simpatia por esta ou aquela. O conhecimento de doutrinas diferentes é justificável por haver na biblioteca particular do seu pai livros sobre várias religiões, tais quais o hinduísmo, islamismo e budismo, entre outros. A partir da leitura desses livros, ele

se tornara conhecedor de várias doutrinas, nutrindo por algumas delas total simpatia (VIDAL, 1967).

Enfim, sobre a maioria dos poemas que tratam de Deus, podemos sintetizar a concepção teológica na poesia augustiana de acordo com o pensamento de Vidal (1967) ao explicar que Augusto dos Anjos foi um espiritualista, mas se destacou por escrever versos materialistas.

No que se refere ao amor na poesia de Augusto dos Anjos, Fontes (1994, p. 51) o caracteriza como um “amor-solidariedade”, o que também é notado por Bandeira (1994, p. 115) - depois de atestar a completa ausência desse tema na poesia augustiana, como “o amor *amizade verdadeira*”, que segundo ele, “o poeta encontrou no casamento e não deu mais atenção ao outro senão para estigmatizá-lo. Deste amor amava os seus – os pais, a mulher, os filhos...”. Diante do conceito de amor atribuído à poesia augustiana por estes autores, depreende-se que o amor na poesia de Augusto dos Anjos não seria um sentimento moldado no Eros, símbolo do desejo, mas no Ágape, na fraternidade e na caridade humana.

Para Faria (1994), quando nos poemas augustianos o amor refere-se ao sentimento de uma pessoa por outra, sempre é exposto como um tipo de amor puro, livre de qualquer desejo carnal, já que o poeta o via como algo contrário ao sexo. “O amor físico, muito embora não fosse ele um cenobita e normalmente exercesse a vida, com casamento e filhos, não o interessava do ponto de vista poético” (FARIA, 1994, p. 147). Vidal (1967, p. 58), porém, contraria o pensamento de Farias, ao afirmar que “no passado recente seus versos de amor continham intensidade sensual viril”, referindo-se aos poemas esquecidos.

Nóbrega assegura que “Augusto manifesta, em sua arte, verdadeira prevenção contra êsses (sic) amores fugazes, interrompidos pela instabilidade das amadas” (NÓBREGA, 1962, p. 157). Para Nóbrega (1962, p. 158), “Augusto era contrário ao amor não duradouro. O amor que não recebeu o banho lustral da legalidade ou a unção santificante da igreja”.

Apesar de muitos críticos e leigos alegarem que Augusto dos Anjos não versou sobre o amor e que não amara, Vidal, em suas reminiscências de aluno, mostra a afetuosa relação entre Augusto dos Anjos e sua esposa, e diz que o poeta “brincava, então com a sua musa, rindo-se os dois como noivos venturosos, enquanto eu ficava para o lado, esquecido por ambos, não havendo mais ninguém presente, além dêles (sic) mesmos” (VIDAL, 1967, p. 21).

Sobre a afetividade do poeta e sua crença no amor, Vidal (1967, p. 52) diz que:

E quem mais amoroso do que foi êle (sic)? Augusto dos Anjos dá testemunho dessa verdade através das produções líricas da primeira fase. De modo que a notória “repulsa” pela amada não passa de mito frágil. Esboroa-se ao mais leve exame. Se não fosse suficiente a revelação dos seus primeiros versos, bastariam as cartas que escreveu a Dona Mocinha, as quais demonstram abundante capacidade afetiva, mesmo uma constante sentimental na fiel expressão da palavra.

Grieco (1994) acredita que a prova maior de sua afetividade foi a dedicatória do livro à sua mãe, à esposa, à filha e aos irmãos. Enfim, Nóbrega assegura que “o estudo da sua personalidade revela-o um compreensivo

admirador do Amor. Do Amor em tôda (sic) a sua perfeita extensão. Do Amor sublimidade.” (NÓBREGA, 1962, p. 160).

Já sobre a esperança, o otimismo e a alegria, características opostas ao pessimismo e à melancolia encontrada em grande parte dos poemas de Augusto dos Anjos, Nóbrega comenta que “em torno (sic) de seu pendor elegíaco, já se formou uma forte auréola de austeridade que repele tôda (sic) e qualquer nuance de alegria, como forma de interpretação” (NÓBREGA, 1962, p. 30) de seus poemas. Porém, os estudos de Nóbrega e, sobretudo, os de Vidal revelam uma poesia de caráter otimista, como também um poeta otimista.

3 Apreciando a face otimista da poesia de Augusto dos Anjos

A fim de mostrarmos o otimismo presente em poemas de amor, religião e esperança, destacamos três composições com essas seguintes temáticas.

O tema do amor é universal e constantemente versado pelos poetas. Para Santos (2008, p. 94), o “amor é o primeiro e mais vasto tema da literatura”. Há quem diga que “a poesia e o amor são para muita gente duas entidades congênicas e complementares e um poeta sem amor é um sacerdote sem fé” (FONTES, 1994, p. 51), ressaltando a ideia de que o amor é o elemento essencial de todo poeta. Isso é tão vigente que para as pessoas leigas a poesia é um texto que fala de amor.

Diferentemente do que se pensa e se propaga, Augusto dos Anjos versou sobre esse tema ao longo de sua lírica, porém o amor recorrente na poesia dele apresenta pontos divergentes. Nesse sentido, enquanto em alguns poemas encontramos um eu-lírico que trata o amor de forma pessimista, mostrando-se descrente e melancólico em relação a esse tema, contraditoriamente, em outros, considerados por nós pertencentes à face otimista, encontramos um eu-lírico sentimental, idealista, que trata o amor de forma pura e sublime, reflexo de um romantismo idealista e espiritualista. Um exemplo desta concepção de amor é ilustrado no poema abaixo, publicado em *O comércio no dia 30 de abril de 1902*, hoje encontrado em *Poemas esquecidos*.

Ideal

Quero-te assim, formosa entre as formosas,
No olhar d'amor a mística fulgência
E o misticismo cândido das rosas,
Plena de graça, santa de inocência!

Anjo de luz de astral aurifulgência,
Etéreo como as Willis vaporosas,
Embaladas no albor da adolescência,
– Virgens filhas das virgens nebulosas!

Quero-te assim, formosa, entre esplendores,
Colmado o seio de virentes flores,
A alma diluída em etereais cismares...

Quero-te assim... e que bendita sejas
Como as aras sagradas das igrejas,
Como o Cristo sagrado dos altares. (ANJOS, 1994, p. 426).

O poema compõe-se um soneto clássico, cuja unidade silábica é composta por versos decassílabos, o esquema rímico ABAB – ABAB – CCD – EED (alternadas nos quartetos, e emparelhadas e interpoladas juntando os dois tercetos) e a acentuação das sílabas poéticas, predominantemente com tonicidade na 6ª e 10ª, sendo, portanto, heroicas, põem em evidência a rica sonoridade e permitem atentar à musicalidade.

O poema aborda o anseio do eu poético em querer a mulher amada de acordo com o padrão que ele considera ideal. O poema já inicia no primeiro verso com a confissão do eu-lírico, que revela querer a mulher idealizada “formosa entre as formosas”. A expressão “quero-te”, introduzida também no primeiro verso, levamos a pensar no erotismo que poderia estar presente no texto, pois além de ser uma expressão forte, quando se trata de um poema de amor, toma uma dimensão no sentido de desejar profundamente, cobiçar. Porém ao longo da leitura, alguns vocábulos presentes no texto, como os elementos místicos utilizados para descrever a mulher, vão-nos levando para outro caminho e desfazendo o que outrora havíamos cogitado, pois na verdade, são características que o eu-lírico assinala querer preservar na mulher ideal.

A imagem da mulher idealizada remete ao molde impregnado pela estética romântica, pelos adjetivos: “formosa”, “santa”, “inocente”, “virgem” e “anjo de luz”. Na segunda estrofe ante as locuções adjetivas usadas para caracterizar o seu anjo, ou seja, sua amada, o eu-lírico a compara com as “Willis”, que, de acordo com Magalhães Jr. (1978), trata-se de jovens noivas brancas e belas, mortas antes do dia do casamento. Por não terem podido satisfazer em vida o amor à dança, não permanecem tranquilas em suas tumbas. Então à meia-noite, com vestes nupciais, coroadas de flores e com anéis de brilhantes, elas se levantam em grupos obrigando os homens que encontram a dançar com elas até morrerem. Mediante comparação com as Willis, percebe-se a pretensão em destacar na mulher idealizada unicamente o caráter celestial e sublime que tem o seu espírito, além de ressaltar a plenitude da mocidade, na qual se encontra.

Mais uma vez, agora na terceira estrofe, o poeta utiliza a expressão “quero-te” e o adjetivo “formosa”, incitando novamente à leitura de um possível desejo do eu-lírico aparentemente mais forte pela menção a uma parte específica do corpo da mulher, ou seja, seus seios. Novamente a expectativa é rompida pelos versos que se seguem, pois o fato de querer cobrir os seios dela com “virentes flores”, imagem meramente romântica, responde pela pureza de ambos. A mulher divinizada deve ser mantida coberta, em respeito. O eu-lírico, ao querer vê-la coberta, antes deseja encobrir o que pode estar guardado no seu subconsciente, ou seja, seus desejos mais secretos, talvez por considerá-los pecaminosos, visto o tom prudente e cordial com o qual trata a amada.

Na última estrofe a expressão “quero-te assim”, seguida da pausa concedida pelas reticências, exprime a expressão final quanto à exigência do eu poético, ou seja, sua proposição sobre o modelo ideal de mulher que lhe convém. O eu-lírico a quer como ele a imaginou, e sendo ela assim, será louvada e tão bendita como Jesus, digna de culto e veneração.

Vários fatores merecem ser destacados neste poema. Um deles é a riqueza das imagens suscitadas por elementos da natureza, sobretudo, celestiais, tais

como: “misticismo”, “anjo”, “luz” e “nebulosa”, utilizadas para enfatizar a concepção de sacralidade da figura feminina e do amor sentido pelo eu poético. Outro ponto importante é a leveza da sonoridade proporcionada pela seleção lexical nesse poema. A recorrência do fonema referente à vogal “a” decorrente dos signos de alguns vocábulos pode denotar luz, clareza, suavidade, portanto, otimismo.

Bosi (2000) no capítulo “O som no signo”, contido no livro *O ser e o tempo da poesia*, faz um estudo sobre a relação entre o som das palavras e seu significado, como também a influência desses sons na leitura de poemas. O autor assegura que na leitura poética “os efeitos sensoriais são valorizados pela repetição dos fonemas ou seu contraste” (BOSI, 2000, p. 50). O autor tece reflexões sobre o fonema “u”, que embora em alguns vocábulos transmita o contrário, há defensores que acreditam que uma vogal grave, fechada, velar e posterior, como o “u”, deva integrar signos que evoquem objetos fechados e escuros, que por analogia remetem sentimentos de angústia (pessimismo) e experiências negativas, como a morte e a tristeza.

De posse das informações transmitidas por Bosi, acreditamos que o fonema “a” pode transmitir por analogia a sensação de otimismo, pois remete a um som aberto e agudo, que por sua vez evoca objetos abertos e extensos, ou que simbolizam a claridade. Neste poema, “Ideal”, assim como em outros, há vários signos com o fonema “a”, tais como: olhar, cândido, graça, santa, anjo, astral, embalados, colmado, alma, eterais, cismares, aras, sagrada e altares. Isso torna a atmosfera do poema mais otimista, em contraponto à maioria dos poemas augustianos, cujos vocábulos exprimem o pessimismo e a melancolia. Como exemplo disso, podemos citar de empréstimo de seus poemas, os vocábulos: adúltero, urubu, cuspo, fúnebre, túmulo, sepulcro, bruto, luta, húmus, rubro, noturno, impuro, angústia, obscuro, entre outras palavras que são recorrentes em sua poesia.

Em contraponto ao que vários críticos chegaram a afirmar, por muito tempo, que Augusto dos Anjos era ateu, e o reflexo disso era o desprezo pelo tema de Deus em sua poesia, mostramos o poema abaixo, pertencente à coletânea *Poemas esquecidos* e publicado inicialmente em *O comércio*, no dia 4 de outubro de 1901:

Amor e crença

– *E sê bendita!*
H. Sienkiewicz

Sabes que é Deus?! Esse infinito e santo
Ser que preside e rege os outros seres,
Que os encantos e a força dos poderes
Reúne tudo em si, num só encanto?

Esse mistério eterno e sacrossanto,
Essa sublime adoração do crente,
Esse manto de amor doce e clemente
Que lava as dores e que enxuga o pranto?!

Ah! Se queres saber a sua grandeza,
Estende o teu olhar à Natureza,

Fita a cúp'la do Céu santa e infinita!

Deus é o Templo do Bem. Na altura Imensa,
O amor é a hóstia que bendiz a Crença,
Ama, pois, crê em Deus, e... sê bendita! (ANJOS, 1994, p. 393).

A concepção teológica na poesia de Augusto dos Anjos não segue nenhum padrão religioso, apesar de que em alguns de seus versos podemos observar traços de várias doutrinas. No entanto, os valores religiosos são exaltados, e a maioria dos poemas congrega a figura de Deus moldada pelo cristianismo, propagando-o sempre por um viés otimista e mostrando-o como bom e misericordioso.

O poema “Amor e crença” é um exemplo de um dos poemas religiosos mais bonitos da literatura brasileira. O lirismo, encontrado nele, torna-se artefato não só de caráter artístico, mas uma fonte de catarse⁵, utilizado para exaltar o Ser divino.

O poema inicia com uma epígrafe que, segundo informa Magalhães Jr. (1978), refere-se a uma página de Henrik Sienkiewicz, um popular escritor polonês, autor do *Quo Vadis?*⁶, cuja obra serviu de inspiração para a composição do poema. A indagação sobre quem ou o que é Deus logo no primeiro verso do poema é impulsionadora de uma série de questionamentos que o eu-lírico levanta, ao mesmo tempo que ele próprio responde, ao longo do poema, pois sendo crente, mostra-se conhecedor das respostas.

Além de vários adjetivos que caracterizam Deus, como ser infinito, sacrossanto, entre outros, toda a segunda estrofe é composta por predicativos que se referem a Ele, para reforçar o encanto e a divindade espiritual supremas de um Ser que é soberano e exerce poder sobre tudo e todos. Estas características presentes na segunda estrofe tornam o poema semelhante a uma oração.

Além da oração, esses adjetivos e predicativos somados com a musicalidade bastante acentuada no poema proporcionam ao texto um caráter tipicamente litúrgico, no que se assemelha às ladainhas religiosas ou cantos de louvor. Essa musicalidade é devida à estruturação da métrica, do ritmo e das rimas que compõem os versos do soneto. Todos os versos são decassílabos e as sílabas tônicas alternam nos quartetos, sendo esquematizados por S-H-S-H/ H-S-H-S⁷. Já os tercetos são predominantemente heroicos com exceção dos dois últimos versos, sáficos. Nestas estrofes os versos heroicos proporcionam um ritmo mais lento pela distância da tonicidade das sílabas, e acentuam a serenidade com que o eu-lírico aconselha o seu emissor sobre como conhecer a Deus, estendendo o olhar à natureza. Já a retomada ao ritmo mais acelerado devido às três marcações tônicas certifica a segurança com a qual o eu-lírico conclui seu pensamento, “Deus é o Templo do Bem”. Todas as rimas são externas, proporcionando um ritmo regular ao final de todos os versos e podem ser ilustradas pelo esquema: ABBA/ ABBA/ AAB/ CCB, designadas interpoladas, com exceção dos dois versos que iniciam o primeiro terceto, denominada emparelhada.

Na terceira estrofe o eu-lírico aconselha o leitor, que deseja conhecer a Deus, voltar o seu olhar à natureza. Para o cristão, esse tipo de comparação resulta do fato de todos os seres que constituem o universo serem semelhantes a Ele, pois toda criatura carrega um pouco da essência do criador.

Apesar de não fazer acepção de nenhuma doutrina espiritual ou religiosa, percebem-se neste poema traços marcantes do catolicismo. Dessa religião o poeta

utilizou o termo “hóstia”, que representa o próprio corpo de Jesus Cristo, e simboliza a comunhão com Deus e a confirmação com a doutrina. Porém, neste poema esse termo foi utilizado metaforicamente para se referir ao amor, sentimento indispensável para sustentar a fé e fazer o elo entre Deus e o homem, pois através dele o homem pode chegar a Deus e vice-versa.

Interpretando pela concepção católica, se a hóstia representa o corpo imolado de Cristo e o Amor (personificado pela inicial maiúscula) no poema, representa essa hóstia, então o Amor é o verdadeiro Cristo e tanto nele como através dele encontra-se Deus.

Na última estrofe, o eu-lírico, através da colocação dos verbos no imperativo, aconselha o seu emissor a amar, por conseguinte, crer e assim ser feliz. O último verso reafirma a ideia que se centra logo no título do poema: o amor precede a crença, e ambos devem estar juntos, um sustentando o outro.

Em contraponto ao excessivo pessimismo e melancolia presentes na poesia augustiana, após lermos o poema abaixo, poderíamos dizer que Augusto dos Anjos é um poeta cujo eu-lírico de seus poemas é unicamente pessimista e melancólico?

Soneto

O sonho, a crença e o amor, sendo a risonha
Santíssima Trindade da Ventura,
Pode ser venturosa a criatura
Que não crê, que não ama e que não sonha?!

Pois a alma acostumada a ser tristonha
Pode achar por acaso ou porventura
Felicidade numa sepultura,
Contentamento numa dor medonha?!

Há muito tempo, o sonho, do meu seio
Partiu num célere arrebatamento
De minha crença arrebatando a grade,

Pois se eu não amo e se também não creio
De onde me vem este contentamento,
De onde me vem esta felicidade?! (ANJOS, 1994, 465).

Esse poema faz parte dos *Poemas esquecidos*, porém foi publicado inicialmente em *O comércio* no dia 4 de abril de 1905. Chega a ser interessante o ano de publicação desse poema ser o mesmo de poemas considerados “maduros”, tais quais “Solitário”, “Uma noite no Cairo”, “A árvore da serra”, “Mater”, “Insônia”, “Barcarola” e “Vozes de um túmulo”, todos publicados em 1905, sendo este último publicado no mesmo mês de Soneto, no dia 27 de abril de 1905. Mais interessante é que já há registro de poemas considerados “maduros” publicados em 1904, como por exemplo, “Vandalismo”, “Ilha do cipango” e “Eterna mágoa”. Como o poeta ora escreveu poesia ao gosto pessimista, tomado pela melancolia, e ora escreveu poemas divergentes desses traços, no mesmo período, isso revela as diversas faces da poesia augustiana.

Este soneto constituído por versos decassílabos e rimas interpoladas nos quartetos (ABBA - ABBA) e alternadas nos tercetos (ABC - ABC) apresenta um

vocabulário mais simples do que comumente é encontrado nos poemas augustianos, sobretudo, nos poemas da sua segunda fase, ou fase “madura”. Contudo, o sutil jogo de palavras no texto dá indícios da forma singular com que escrevia Augusto dos Anjos. A aliteração presente no som do “s” em: “O sonho, a crença e o amor, sendo a risonha/ Santíssima Trindade da Ventura” (versos 1 e 2), mescla com a recorrência do som do “r” de encontro com outra consoante, como em algumas palavras: “crença”, “trindade”, “criatura”, “crê”, “tristonha”, “creio”. O som mais leve do “s” contrapõe-se ao som mais forte do “-r”, denotando a inquietação do eu-lírico que procura entender o motivo da sua felicidade.

A seleção lexical do poema também exprime a inquietação do eu poético, que ora põe em reflexão se quem não possui a tríade para a felicidade (sonho – crença – amor) pode ser feliz, ora reflete sobre quem é comumente tristonho, “Pois a alma é acostumada a ser tristonha”, pode encontrar felicidade na morte (“numa sepultura”) ou na dor. Sendo assim, o uso de palavras com sentido “pessimista” e/ou “melancólico” contrapõe-se a alguns vocábulos com sentido oposto. De um lado, lemos palavras marcadamente usadas em poemas da face comum, como “tristonha”, “sepultura” e “dor”; e de outro lado lemos vocábulos como “risonha”, “ventura”, “felicidade” e “contentamento”.

Levado pelo tom otimista, o eu-lírico demonstra a preocupação com a busca pela felicidade, a qual, segundo ele, consiste em possuir três fundamentos básicos: o sonho, a crença e o amor, expressos na primeira estrofe. Se esses três fundamentos são essenciais, com a falta deles ou de um deles, talvez não fosse possível obter felicidade. Mas na última estrofe a confissão da pessoa lírica em admitir sua felicidade, motivo que não compreende, provoca sua admiração. A ausência do amor e da crença não impede o eu-lírico de gozar a sua felicidade, pois na falta deles o sonho, ou seja, a esperança, o “otimismo” que podemos atribuir ao eu poético, é suficiente para torná-lo feliz.

Como vemos, a face otimista da poesia de Augusto dos Anjos contempla vários temas, e embora em alguns poemas observemos resquícios da linguagem comum à sua poesia, o tom, a seleção lexical e o ritmo deles são reveladores de uma face diferente daquela que consagrou o poeta.

Considerações finais

A ausência do otimismo foi notada pelos primeiros leitores da poesia de Augusto dos Anjos, conhecedores especificamente do *Eu*. Porém, rastreando os ensaios que compõem parte da fortuna crítica do poeta, organizada por Alexei Bueno (1994), encontramos textos datados entre 1928 e 1964, ou seja, depois da edição do *Eu, Outras Poesias e Poemas esquecidos* em 1928, em que quase nada é explorado sobre essa outra face.

Somente a partir de 1962, novos leitores, conhecedores de uma gama de poemas quase inéditos, abriram outras perspectivas acerca da lírica augustiana. Esses trabalhos inaugurais como os livros de Humberto Nóbrega (1962), Ademar Vidal (1967) e Raimundo Magalhães Jr (1978), que voltaram o foco para a poesia de cunho otimista do paraibano, abriram caminhos para que se pudessem ter diferentes olhares sobre a lírica do poeta. Embora a denominação “face otimista” não tenha sido utilizada por nenhum desses escritores, eles dedicaram estudos

para mostrar o lado alegre, esperançoso, amoroso e religioso de Augusto dos Anjos e sua poesia.

Os trabalhos pioneiros desses autores, apesar de não se deterem na parte crítica e serem constituídos como obras biográficas, são de fundamental importância porque condicionada à biografia há comentários pertinentes sobre um *corpus* considerável de poemas, que tratam, sobretudo, de temas diferentes do habitual pessimismo, cientificismo e melancolia. Na verdade, a biografia nesses livros serve como ponto de apoio para a interpretação dos poemas. Dessa forma, alguns autores narram momentos que demonstram que o poeta era alegre e feliz ao passo que mostram poemas que expressam esperança, alegria e contentamento; apontam dados que comprovam que o poeta era crente e logo após apresentam poemas com cunho religioso; fazem especulações de como foi a vida amorosa do poeta e depois exemplificam com poemas que falam de amor.

Por fim, consideramos imprescindível o conhecimento do viés otimista, não só pelos historiadores e críticos, mas especialmente pelo leitor iniciante, visto os temas menos inquietantes e a linguagem mais aprazível. Justificamos o nosso ponto de vista por consideramos como ponto positivo o fato de o leitor em formação ter a possibilidade de acompanhar as mudanças pelas quais a poesia do poeta passou a fim de melhor compreendê-la no ápice de sua criação. À medida que esse leitor conhece poemas de cunho diferenciado, além de ampliar seu horizonte de leitura em relação à poesia augustiana, tem a oportunidade de escolher quais estilos lhe agradam. Por isso reputamos essencial a experiência estética entre o leitor e esses poemas, visando à fruição dos textos e à formação de leitores da poesia augustiana.

Notas

¹ Paes (1997) considera maduros em Augusto dos Anjos os poemas incluídos no *Eu*, nos quais há a predominância do vocabulário cientificista, assim como um trabalho mais requintado com a linguagem e a forma.

² Os vieses expressionista e impressionista, que são comumente associados à poesia de Augusto dos Anjos, são utilizados como forma comparativa entre os versos augustianos e essas tendências de vanguardas.

³ Referimo-nos à obra completa de Augusto dos Anjos o seu livro editado em vida, *Eu*, bem como às coletâneas editadas depois de sua morte. Por todos os livros conterem poemas do poeta, consideramos todos estes como obra completa.

⁴ De acordo com Magalhães Jr. (1978), o *Nonevar* era um jornalzinho do qual o poeta foi colaborador e que circulava somente durante a festa de Nossa Senhora das Neves, padroeira da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, “o acontecimento religioso e social de maior relevo na Província” (NÓBREGA, 1962, p. 13). Nóbrega (1962, p. 9) acrescenta que “o *Nonevar* era parte integrante dos festejos religiosos, em louvor à padroeira da cidade”, e assim que terminava o novenário, a gazeta deixava de circular. Segundo Nóbrega (op. cit., p. 26), o *Nonevar* era um “tipo de imprensa efêmera, - imprensa de festa, - cheia de verve, humor, sátira, epigramas, perfis elouvaminha ao belo sexo”. Discorrendo sobre a etimologia da palavra, Magalhães Jr (1978) informa que *Nonevar* é uma composição de ‘nove’, ou ‘nono’ com o verbo ‘nevar’. Para este autor, os poemas contidos no *Nonevar* “não tem significação alguma na obra de Augusto dos Anjos, a não ser de mera curiosidade” (op. cit., p. 177).

⁵ A catarse, ou *katharsis*, é uma das três experiências fundamentais junto com a *poiesis* e *aisthesis*, que proporciona o prazer estético sobre uma obra de arte. Segundo a denominação de Jauss (1979), a catarse é o prazer dos afetos provocado pela arte, capaz de conduzir o espectador tanto à transformação de suas convicções quanto à liberação de sua psique.

⁶ Henrik Sienkiewicz é considerado um dos escritores mais importantes da segunda metade do século XIX. Ficou conhecido internacionalmente pela obra *Quo Vadis?*, “Aonde você vai?”, que narra a história de amor entre uma jovem cristã e um nobre romano. O romance transmite uma mensagem pró-cristã, pois faz alusão a apócrifos que contam que o apóstolo Pedro, ao fugir de Roma, encontra Jesus, que lhe diz estar indo a Roma para ser crucificado novamente. Disponível no endereço eletrônico <[http://en.wikipedia.org/wiki/Quo_Vadis_\(novel\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Quo_Vadis_(novel))>. Acessado em 22/01/2012.

⁷ Entende-se “S” para verso sáfico cuja tonicidade está presente nas sílabas de número 4, 8 e 10; e “H” para verso heroico cuja tonicidade está presente nas sílabas de número 6 e 10. Para maiores esclarecimentos, consultar o livro *Versos, sons e ritmos* (2008), de Norma Goldstein.

- ALMEIDA, Verucci Domingos de. A recepção da face otimista da poesia de Augusto dos Anjos. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão (orgs.). **Augusto dos Anjos: a heterogeneidade do EU singular**. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2012, p. 427-449.
- ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BANDEIRA, Manuel. Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 114-116.
- BOSI, Alfredo. **A literatura brasileira**: o pré-modernismo, v. 5. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.
- _____. **História concisa da literatura brasileira**. 45. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BUENO, Alexei. Critérios da edição. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 13-20.
- CUNHA, Fausto. Augusto dos Anjos salvo pelo povo. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 165-170.
- FARIA, José Escobar. A poesia científica de Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 141-149.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FONTES, Hermes. Crônica literária. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 49-52.
- FREYRE, Gilberto. Nota sobre Augusto dos Anjos. In: MELO FILHO, Murilo; PONTES, Juca (orgs.). **Augusto dos Anjos: a saga de um poeta**. Rio de Janeiro: Ed. Graf Brasileira/ Fundação Banco do Brasil; João Pessoa: Governo do Estado, 1994, p. 76-81.
- GOLDESTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons e ritmos**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2008 (Série Princípios, v. 6).
- GRIECO, Agripino. Um livro imortal. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 81-89.
- HELENA, Lúcia. A corrosão da aura. In: _____. **Uma literatura antropofágica**. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 1983, p. 47-67.
- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. In: JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63-82 (Coleção Literatura e Teoria literária, v. 36).
- KOPKE, Carlos Burlamaqui. Augusto dos Anjos: um poeta e sua identidade. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 150-160.
- LINS, Álvaro. Augusto dos Anjos: poeta moderno. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 116-127.
- MAGALHÃES JR., Raimundo. **Poesia e vida de Augusto dos Anjos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE. O livro mais estupendo: o Eu. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 89-97.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- NÓBREGA, Humberto. **Augusto dos Anjos e sua época**. João Pessoa: Universidade da Paraíba, 1962.
- OITICICA, José. Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 112-113.
- PAES, José Paulo. **Augusto dos Anjos**. 2. ed. São Paulo: Global, 1997 (Coleção Os melhores poemas).
- SANTOS, Joel Rufino dos. **Quem ama literatura não ensina literatura**: ensaios indisciplinados. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- SOARES, Órris. Elogio de Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 60-73.
- TORRES, Antônio. O poeta da morte. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 52-60.
- VIDAL, Ademar. **O outro eu de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967.

Para citar este artigo

ALMEIDA, Verucci Domingos de. O otimismo na poesia de Augusto dos Anjos. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2, n. 2, p. 111-129, ago. 2013.

A Autora

Verucci Domingos de Almeida é Mestre em Linguagem e Ensino - Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Professora substituta da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), campus IV. Lotada no Departamento de Letras.